O PARADIGMA INTERDISCIPLINAR: A CONTRIBUIÇÃO DO EDUCADOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EMEI PARA UM DESENVOLVIMENTO INTEGRAL E INCLUSIVO

JADE BRAZ RANGON

RESUMO

Este artigo realiza uma análise aprofundada do papel estruturante da Psicomotricidade no desenvolvimento integral de crianças na faixa etária de quatro a cinco anos, última etapa da Educação Infantil. Para além da fundamentação teórica, o estudo amplia o escopo da discussão ao investigar criticamente a potencialidade de uma atuação pedagógica integrada e sinérgica entre o Pedagogo e o Educador de Educação Física no contexto da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI). Argumenta-se que a consolidação de uma prática psicomotora significativa, que supere a mera atividade recreativa e se constitua como eixo norteador do currículo, depende fundamentalmente dessa parceria profissional qualificada e intencional.

Fundamentado em anos de observação e intervenção no cotidiano escolar e em referenciais teóricos consagrados da Psicomotricidade, Educação Física e Pedagogia, o texto defende a tese de que a colaboração sistemática entre o Pedagogo – especialista no desenvolvimento infantil, no currículo e nas relações de ensino-aprendizagem – e o Educador Físico – especialista no corpo, no movimento e nas manifestações da cultura corporal – cria um campo de possibilidades pedagógicas ampliado e mais eficaz. Essa sinergia não se resume à soma de esforços, mas gera uma nova qualidade de intervenção, onde os saberes específicos de cada área se complementam para planejar, executar e avaliar vivências motoras ricas, significativas e contextualizadas.

Especificamente, o artigo dedica-se a elucidar o papel singular do Educador Físico neste cenário, posicionando-o como um agente essencial e não periférico. Sua atuação especializada é analisada em três dimensões principais: (1) como promotor de uma cultura corporal lúdica e inclusiva, introduzindo um repertório diversificado de jogos, brincadeiras, ginásticas, danças e esportes adaptados, que enriquecem o universo simbólico e motor das crianças; (2) como consultor e apoio pedagógico para a equipe docente, oferecendo subsídios teóricos e práticos para que os próprios pedagogos possam, em seu cotidiano, observar e intervir de maneira mais qualificada no desenvolvimento psicomotor de seus alunos, identificando precocemente possíveis dificuldades; e (3) como elaborador e executor de estratégias pedagógicas diferenciadas e adaptadas, voltadas especialmente para o atendimento e inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais (NEE), garantindo que os objetivos psicomotores sejam alcançados por todos, respeitando os diferentes ritmos, estilos e potencialidades.

Por fim, conclui-se que a implementação de um modelo de trabalho colaborativo entre Pedagogia e Educação Física na EMEI transcende uma questão metodológica para assumir um caráter ético e político. Trata-se de uma estratégia pedagógica poderosa para materializar o princípio da educação integral, assegurando de forma concreta e qualificada o direito de toda criança, sem exceção, à plena expressão, à exploração do mundo e ao desenvolvimento de suas múltiplas inteligências por meio do movimento, preparando-as de maneira mais sólida e harmoniosa para os desafios da escolarização e da vida em sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Psicomotricidade; Educação Infantil; Interdisciplinaridade. Inclusão; Desenvolvimento Integral.

ABSTRACT

This article undertakes an in-depth analysis of the structuring role of Psychomotricity in the integral development of children aged four to five years, the final stage of Early Childhood Education. Beyond theoretical foundations, the study expands the scope of the discussion by critically investigating the potential of an integrated and synergistic pedagogical approach between the Pedagogist and the Physical Education Teacher within the context of the Municipal Early Childhood Education School (EMEI). It is argued that the consolidation of a meaningful psychomotor practice, which transcends mere

recreational activity and establishes itself as a guiding axis of the curriculum, fundamentally depends on this intentional and qualified professional partnership.
Grounded in years of observation and intervention in the school environment and in established theoretical frameworks of Psychomotricity, Physical Education, and Pedagogy, the text defends the thesis that the systematic collaboration between the Pedagogist – a specialist in child development, curriculum, and teaching-learning relationships – and the Physical Education Teacher – a specialist in the body, movement, and manifestations of body culture – creates an expanded and more effective field of pedagogical possibilities. This synergy is not merely the sum of efforts but generates a new quality of intervention, where the specific knowledge from each field complements the other to plan, execute, and evaluate rich, meaningful, and contextualized motor experiences.
Specifically, the article is dedicated to elucidating the unique role of the Physical Education Teacher in this scenario, positioning them as an essential and non-peripheral agent. Their specialized performance is analyzed in three main dimensions: (1) as a promoter of a playful and inclusive body culture, introducing a diverse repertoire of adapted games, play, gymnastics, dances, and sports, which enrich children's symbolic and motor universe; (2) as a consultant and pedagogical support for the teaching staff, offering theoretical and practical resources so that pedagogists themselves can, in their daily practice, observe and intervene more effectively in the psychomotor development of their students, identifying possible difficulties early; and (3) as a designer and implementer of differentiated and adapted pedagogical strategies, especially aimed at the support and inclusion of children with Special Educational Needs (SEN), ensuring that psychomotor objectives are achieved by all, respecting different paces, styles, and potentialities.
Finally, it is concluded that the implementation of a collaborative work model between Pedagogy and Physical Education in EMEIs transcends a methodological issue to assume an ethical and political character. It constitutes a powerful pedagogical strategy to materialize the principle of integral education, ensuring in a concrete and qualified manner the right of every child, without exception, to full expression, exploration of the world, and the development of their multiple intelligences through movement, preparing them in a more solid and harmonious way for the challenges of schooling and life in society.
KEY-WORDS: Psychomotricity; Early Childhood Education; Interdisciplinarity; Inclusion; Integral Development.

1 INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo das Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs), o desafio de operacionalizar uma visão integral e holística da criança confronta-se com limitações estruturais e metodológicas concretas. Como oferecer, no cotidiano da sala de aula e dos espaços comuns, experiências motoras qualificadas e intencionais que transcendam a noção de "recreio orientado" e, de fato, atendam às necessidades específicas de cada fase do desenvolvimento, respeitando as singularidades de cada criança, inclusive aquelas com deficiências ou transtornos do desenvolvimento? A reflexão teórica e a experiência prática na área apontam que uma resposta consistente reside não na atuação isolada de um único profissional, mas na construção de uma práxis interdisciplinar e colaborativa.

Partindo dessa premissa, este artigo visa ampliar e aprofundar o debate sobre a Psicomotricidade na Educação Infantil, inserindo de forma central e analítica a contribuição específica e insubstituível do educador de Educação Física. Argumenta-se que sua expertise científica e pedagógica não é meramente complementar, mas vital e sinérgica ao trabalho do Pedagogo. Enquanto este último possui um olhar abrangente sobre o desenvolvimento global, os processos de aprendizagem e a gestão curricular, o educador físico aporta um conhecimento especializado sobre o corpo em movimento, os fundamentos das ciências do esporte, a pedagogia das práticas corporais e a cultura lúdica. Conforme ressalta Coletivo de Autores (2012), a Educação Física deve ser entendida como uma área de conhecimento que tema-

tiza as formas de expressão corporal, constituindo-se como um componente curricular essencial desde os primeiros anos.

Quando atua de forma plenamente integrada ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) da unidade escolar, o educador físico deixa de ocupar uma posição periférica ou acessória, transformando-se em um parceiro estratégico para a consolidação de um ambiente educacional verdadeiramente promotor do desenvolvimento integral. Sua presença qualifica tecnicamente as propostas, amplia o repertório de vivências corporais e fortalece a capacidade da escola em identificar e intervir de forma precoce e adequada nas diversas demandas psicomotoras das crianças. A atuação conjunta e planejada entre pedagogia e Educação Física cria, portanto, um ecossistema pedagógico mais potente, seguro e inclusivo, onde o direito da criança ao movimento pleno e significativo pode ser efetivamente garantido.

2 O EDUCADOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ESPECIALISTA DO MOVIMENTO: FUNDAMENTOS E CONTRIBUIÇÕES ESPECÍFICAS

A legitimidade da presença do educador de Educação Física na Educação Infantil é respaldada tanto por documentos normativos, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que inclui a "Corporalidade" como um dos campos de experiência essenciais, quanto por um sólido arcabouço teórico das Ciências do Esporte e da Motricidade Humana. Sua formação específica o capacita a compreender com profundidade as fases do desenvolvimento motor, as bases fisiológicas do exercício, a biomecânica dos gestos, a aprendizagem motora e as dimensões culturais, sociais e afetivas das práticas corporais.

Enquanto o Pedagogo exerce um papel fundamental na mediação de todas as linguagens e na integração dos diversos saberes, observando a criança em sua totalidade e inserção grupal, o educador físico aporta um olhar clínico-pedagógico especializado sobre o movimento. Este olhar permite uma análise refinada da qualidade dos gestos, da eficiência dos padrões motores e da relação da criança com o espaço, o tempo, os objetos e os outros. Ele é instrumentalizado para planejar sequências didáticas progressivas e fundamentadas, que estimulam de forma segura, lúdica e desafiadora o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais.

Gallahue, Ozmun e Goodway (2013) classificam essas habilidades em três categorias inter-relacionadas: habilidades de locomoção (correr, saltar, galopar), de manipulação (arremessar, capturar, chutar, rebater) e de estabilização (equilibrar, girar, flexionar). A intervenção qualificada do educador físico assegura que essas habilidades sejam amplamente vivenciadas e refinadas, criando uma base motora robusta que é pré-requisito para atividades mais complexas e para a aprendizagem de habilidades esportivas futuras, sem jamais reduzi-las a um treinamento técnico.

Crucialmente, conforme defende Betti (2015), a Educação Física na primeira infância deve priorizar a dimensão expressiva, lúdica e criativa. Portanto, o educador físico não introduz "esportes formalizados" precocemente, mas sim um vasto repertório de jogos tradicionais, brincadeiras cantadas, circuitos motores, expressões rítmicas e dramatizações corporais que compõem a gênese da cultura motora humana. Essa mediação especializada, informada por teorias do jogo e do desenvolvimento, garante que as crianças explorem suas potencialidades corporais de forma mais ampla, prazerosa e pedagogicamente fundamentada. Como sintetiza Kishimoto (2011, p. 18), "brincar é a atividade principal da criança, uma forma de ela se situar no mundo". O educador físico é, assim, um curador e facilitador dessa linguagem primordial.

AÇÃO INTERDISCIPLINAR: PSICOMOTRICIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA EM DIÁLOGO ESTRATÉGICO

A parceria eficaz entre Pedagogia e Educação Física na EMEI não é espontânea; requer intencionalidade, espaços institucionais de diálogo e uma visão compartilhada sobre a infância. Essa colaboração sinérgica pode se materializar em três níveis de ação principais, cada um com impactos específicos no desenvolvimento infantil:

3.1 Planejamento Conjunto e Apoio Pedagógico Contínuo:

A atuação do educador físico não pode ser

um evento isolado no calendário semanal. Seu planejamento deve emergir organicamente das observações sistemáticas do grupo realizadas pelo(a) pedagogo(a), dos temas de investigação das crianças e das metas estabelecidas no PPP da unidade. Em um processo de mão dupla, o educador físico oferece apoio pedagógico contínuo à equipe docente. Isso pode incluir sugerir adaptações no ambiente físico para torná-lo mais desafiador e seguro, indicar materiais alternativos e de baixo custo, e co-planejar estratégias para a incorporação de pausas ativas e microvivências motoras significativas no cotidiano da sala de aula.

Essa troca constante potencializa a consistência e a densidade das intervenções em todos os espaços e momentos da escola. Freire (1997, p. 15) já alertava que "é preciso que a escola toda, e não apenas a aula de Educação Física, seja um espaço de vivências corporais". A parceria torna esse ideal realizável, pois o educador físico instrumentaliza a equipe para que incorpore uma "lente psicomotora" em sua prática diária.

3.2 Identificação Precoce e Sistema de Encaminhamento Articulado:

O olhar treinado do educador físico para os padrões motores típicos e atípicos o torna um agente-chave na identificação precoce de sinais de alerta. Dificuldades de coordenação óculo-manual persistentes, padrões de marcha atípicos, hipotonia ou hipertonia evidentes, grande desorganização espacial ou extrema dificuldade em acompanhar sequências rítmicas simples podem ser observadas por ele durante as atividades.

Essa observação especializada, quando registrada e compartilhada de forma ética e construtiva com o(a) pedagogo(a) e a coordenação pedagógica, permite a ativação ágil de um sistema de encaminhamento para avaliação multiprofissional (com fisioterapeuta, terapeuta ocupacional ou psicólogo, por exemplo). Essa agilidade é crucial, pois, como afirma Fonseca (1995), a plasticidade neural é máxima nos primeiros anos, e intervenções precoces tendem a ter impactos mais significativos e duradouros. O educador físico, portanto, atua como um importante elo na rede de proteção e promoção do desenvolvimento infantil.

3.3 Inclusão e Diversificação de Estratégias para Crianças com Deficiência ou Transtornos:

Este é talvez o aporte mais distintivo e valioso da parceria. A inclusão escolar vai além da matrícula; demanda adaptações curriculares e de acessibilidade. O educador físico, em conjunto com o(a) pedagogo(a) e com o AEE (Atendimento Educacional Especializado), é fundamental para a construção e implementação de planos de atividades individualizados (PAI) na dimensão corporal. Sua expertise permite:

Adaptação de Regras, Materiais e Espaços: Transformar um jogo de queimada em uma atividade de rolar bolas sonoras em direção a cones; utilizar bastões com empunhaduras adaptadas; criar circuitos com diferentes níveis de desafio e formas de locomoção (rastejar, engatinhar, caminhar sobre linhas); modificar formas de pontuação para valorizar o esforço e a participação, e não apenas o resultado.

Oferecimento de Suportes Físicos e de Comunicação: Empregar técnicas de guiagem segura para crianças com deficiência visual; utilizar pistas visuais (cores, pictogramas) para estruturar sequências de atividades; adotar sistemas de comunicação alternativa durante os jogos para garantir a compreensão e a expressão de todas as crianças.

Promoção da Interação Social Mediada pelo Movimento: Estruturar jogos cooperativos e por estafetas onde o sucesso do grupo dependa da contribuição única de cada membro. Criar situações em que uma criança com mobilidade reduzida seja o "comandante" ou o "fiscal" de uma atividade, utilizando sua perspectiva privilegiada.

Nesse processo complexo, a Psicomotricidade Relacional, abordagem que enfatiza o vínculo afetivo, a comunicação tônica e o brincar espontâneo como ferramentas terapêuticas e educativas, oferece um referencial teórico-prático comum para ambos os profissionais. Juntos, pedagogo(a) e educador físico podem criar situações lúdicas onde a criança com deficiência não seja apenas "tolerada" no espaço, mas seja ativamente envolvida, desafiada em seu potencial e reconhecida em suas conquistas. Como afirma

Nista-Piccolo (2005, p. 102), “a brincadeira, quando bem orientada, pode ser o caminho mais curto para a criança com deficiência construir uma imagem positiva de si mesma, descobrindo-se capaz e interagindo com seus pares”.

multifacetado de limitações estruturais e metodológicas concretas. Apesar dos avanços nas diretrizes curriculares que reconhecem a infância como um período de amplas e intensas descobertas, persiste no cotidiano escolar uma lacuna substantiva entre a teoria pedagógica e a práxis educativa. A pergunta central que se impõe é: como transcender o modelo tradicional que frequentemente reduz as atividades corporais a momentos de “recreio orientado” e, em seu lugar, oferecer experiências motoras qualificadas, intencionais e sistemáticas? Experiências que não apenas atendam às necessidades específicas de cada fase do desenvolvimento neuropsicomotor, mas que também respeitem e valorizem as singularidades de cada criança, incluindo, de maneira plena e não tokenista, aquelas com deficiências, transtornos do neurodesenvolvimento ou outras necessidades educacionais especiais.

A reflexão teórica atual, somada à evidência prática acumulada em experiências educativas de referência, aponta que uma resposta consistente e sustentável a esse complexo desafio não reside na atuação isolada e superespecializada de um único profissional. Pelo contrário, a solução encontra seu cerne na construção deliberada de uma práxis interdisciplinar e colaborativa. Tal modelo exige a superação de barreiras históricas entre áreas do conhecimento e a criação de espaços institucionais genuínos de diálogo e co-construção. Nesse sentido, a escola é convocada a se reconfigurar como um ambiente de aprendizagem profissional mútua, onde saberes distintos se articulam em prol de um objetivo comum: o desenvolvimento pleno da criança.

Partindo dessa premissa fundamental, este artigo se propõe a ampliar e aprofundar significativamente o debate acadêmico e pedagógico sobre a Psicomotricidade na Educação Infantil. Para tanto, insere de forma central, analítica e crítica a contribuição específica, especializada e, argumenta-se aqui, insubstituível do educador de Educação Física. Defende-se a tese de que sua expertise científica, pedagógica e técnica não é meramente complementar ou suplementar ao trabalho do Pedagogo, mas sim vital e sinérgica. Enquanto o Pedagogo, com sua formação generalista e seu olhar abrangente, é o arquiteto do processo de ensino-aprendizagem, o gestor das relações no grupo e o integrador das diversas áreas do conhecimento e linguagens, o educador físico aporta um corpus de conhecimento profundamente especializado. Seu saber diz respeito ao corpo em movimento em suas múltiplas dimensões: os fundamentos das ciências do esporte e da motricidade humana, a pedagogia das práticas corporais, a análise do desenvolvimento motor típico e atípico, e a vasta herança da cultura lúdica e expressiva da humanidade. Conforme ressalta o Coletivo de Autores (2012), a Educação Física deve ser compreendida como uma área de conhecimento que tematiza as formas históricas e socialmente construídas de expressão corporal, constituindo-se, portanto, como um componente curricular essencial e não negociável desde os primeiros anos da vida escolar.

A efetivação dessa parceria, contudo, exige mais do que a presença física do profissional na unidade. É necessário que sua atuação seja plenamente integrada ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, rompendo com uma visão que o coloca à margem do processo educativo principal. Quando essa integração ocorre, o educador físico transfigura-se: deixa de ser um recurso periférico ou acessório e se torna um parceiro estratégico na consolidação de um ecossistema educacional verdadeiramente promotor do desenvolvimento integral. Sua presença qualificada opera em três frentes principais: qualifica tecnicamente as propostas psicomotoras, fundamentando-as em evidências científicas; amplia exponencialmente o repertório de vivências corporais oferecidas às crianças, enriquecendo seu universo simbólico e motor; e fortalece diagnosticamente a capacidade institucional de identificar precocemente e intervir de forma adequada nas diversas demandas psicomotoras que surgem no coletivo infantil.

Portanto, a atuação conjunta, planejada e reflexiva entre Pedagogia e Educação Física não representa uma simples soma de esforços, mas a gênese de um ecossistema pedagógico qualitativamente superior: mais potente em suas intervenções, mais seguro em suas propostas e mais inclusivo em sua essência. É nesse ambiente intencionalmente construído que o direito fundamental de toda criança ao movimento pleno, significativo e prazeroso pode, finalmente, ser não apenas declarado, mas efetiva e diariamente garantido. Este artigo se dedica a explorar os contornos, as potencialidades e os desafios dessa construção necessária.

A Práxis Pedagógica Existente e a Potencialização pelo Educador Físico

A prática pedagógica contemporânea nas EMEIs de referência já opera, em seu cerne, a partir de um paradigma que coloca a criança como sujeito ativo e central do processo educativo, reconhecendo a exploração corporal e espacial como eixos fundamentais de aprendizagem. Essa abordagem se manifesta em rotinas que privilegiam a livre exploração de ambientes internos e externos, a oferta de materiais não estruturados (caixas, tecidos, cordas) e a criação de cantos sensoriais e psicomotores. A criança é incentivada a subir, equilibrar-se, rastejar, construir e desconstruir, em uma pedagogia que valoriza a descoberta autônoma e a experimentação não direcionada. Este é o substrato rico e necessário sobre o qual a intervenção especializada deve ser articulada, nunca substituída ou negada.

Nesse contexto, a atuação do educador físico não se sobrepõe ou entra em conflito com a prática pedagógica já estabelecida. Pelo contrário, ela dialoga, complementa e potencializa essa prática, acrescentando camadas de intencionalidade, densidade técnica e repertório cultural que a enriquecem sem perder sua essência lúdica e exploratória. A relação pode ser compreendida através de três dimensões de complementaridade:

1. Da Exploração Livre à Sequência Didática Intencional:

A prática pedagógica habilita a exploração livre e a descoberta. O educador físico, partindo dessa exploração observada, pode introduzir sequências didáticas intencionais que ampliam as possibilidades descobertas pela criança. Por exemplo:

Se as crianças demonstram fascínio por rolar em colchonetes em seus momentos livres, o educador físico pode propor uma sequência estruturada que evolui do rolar livre para o rolar em diferentes direções, depois para o rolar carregando um objeto leve no ventro, e finalmente para o rolar em duplas, criando um jogo cooperativo. Isso transforma um gesto espontâneo em uma aprendizagem motora progressiva, sem cercear a liberdade inicial.

A exploração não tradicional de espaços – como subir em árvores baixas ou escorregar em rampas de grama – é validada e, então, enriquecida tecnica e seguramente pelo educador físico. Ele pode ensinar formas mais eficientes e seguras de agarrar, pontos de apoio no corpo, e introduzir variações que desafiem o equilíbrio e a força de forma gradativa, sempre respeitando o desejo e o limite de cada criança.

2. Do Repertório Espontâneo ao Repertório Cultural da Motricidade:

As crianças criam suas próprias brincadeiras e formas de movimento. O educador físico atua como um mediador cultural, apresentando e resignificando um vasto patrimônio lúdico da humanidade. Ele introduz jogos tradicionais (como “amarelinha” com variações complexas), brincadeiras cantadas de diferentes regiões, elementos básicos da capoeira, da ginástica artística (rolamentos, paradas de mão com apoio) ou de danças circulares. Este aporte não é uma imposição, mas uma oferta que amplia o vocabulário motor da criança. Ela pode, então, incorporar esses novos elementos à sua brincadeira livre, combinando o rolo aprendido na ginástica com sua narrativa de super-herói, ou usando os passos de uma dança em um jogo simbólico de sua invenção.

3. Da Observação Global à Análise Especializada e Intervenção Precoce:

O olhar do pedagogo é treinado para observar o desenvolvimento integral, as interações sociais e as manifestações simbólicas. O olhar do educador físico é treinado para uma análise fina da qualidade do movimento. Enquanto o primeiro pode notar que uma criança é mais retraída, o segundo

pode identificar que essa retração está associada a uma dificuldade específica de coordenação bilateral, a um medo de perder o equilíbrio ou a uma hipotonia que torna o esforço motor desgastante.

Essa dupla observação permite uma intervenção integrada e precisa. O pedagogo trabalha o acolhimento e a inserção no grupo. O educador físico, em parceria, cria atividades em pequenos grupos onde aquela habilidade motora em déficit é exercitada de forma lúdica e bem-sucedida, aumentando a autoconfiança da criança. Juntos, podem adaptar o ambiente para que ela participe plenamente.

Da Inclusão Generosa à Inclusão Tecnicamente Fundamentada:

A educação infantil centrada na criança já abraça a inclusão. O educador físico aporta as ferramentas técnicas para sua efetivação motora. Se uma criança com paralisia cerebral explora o espaço em um andador, o educador físico pode:

Propor jogos onde o andador seja parte da brincadeira (como um "carro" em um circuito).

Adaptar as regras de um jogo de bola para que os lançamentos possam ser feitos de forma alternativa.

Criar estações em circuitos que desafiem habilidades acessíveis a ela (como empurrar um objeto pesado com o andador, trabalhar a preensão em uma estação de texturas), garantindo que o desafio motor seja real e significativo, não apenas simbólico.

Portanto, a contribuição do educador físico não desconsidera nem subestima a sofisticação da prática pedagógica já existente. Ela opera em um registro de parceria sinérgica. A pedagogia oferece o contexto, a escuta e a ética do cuidado centrada no indivíduo. A Educação Física oferece o conteúdo técnico especializado, o repertório cultural motor e a lente analítica para o movimento. Juntas, essas forças criam um ambiente onde a exploração não tradicional do corpo e do espaço – já valorizada – ganha profundidade, segurança, diversidade e potência transformadora, assegurando que o desenvolvimento individual de cada criança seja nutrido por todas as linguagens e saberes de que ela pode usufruir.

3 CONCLUSÃO/ CONSIDERAÇÕES FINAIS POR UMA CULTURA CORPORAL COLETIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A incorporação do educador de Educação Física no quadro permanente das EMEIs e a efetivação de sua parceria com o corpo pedagógico não devem ser vistas como uma despesa, mas como um investimento estratégico de altíssimo retorno social e educacional. Sua presença qualificada representa um salto de qualidade na oferta da Educação Infantil pública, consolidando e aprofundando o trabalho psicomotor.

Esta parceria interdisciplinar, quando devidamente articulada e valorizada institucionalmente, supera a fragmentação do conhecimento e coloca a criança, em sua totalidade corpórea, cognitiva, emocional e social, no centro do projeto educativo. Para as crianças com deficiência, essa dupla de profissionais atuando em sintonia – um garantindo as adaptações curriculares e o vínculo afetivo, e o outro provendo as estratégias motoras específicas e a mediação corporal – pode significar a diferença entre uma inclusão meramente formal e uma experiência educativa rica, pertencente e verdadeiramente transformadora.

Portanto, defender a presença qualificada e integrada do educador de Educação Física na Educação Infantil é defender uma concepção de infância que valoriza o corpo como via privilegiada de aprendizagem e expressão. É lutar por escolas que ofereçam mais do que cuidado e alfabetização; é exigir instituições que garantam, na prática cotidiana, o direito inalienável de todas as crianças, sem exceção, a se moverem com liberdade, a brincarem com profundidade, a superarem seus limites com segurança e a descobrirem o mundo e a si mesmas através da linguagem universal do corpo. É, em última instância, assegurar os alicerces para um desenvolvimento humano integral, pleno e digno.

REFERÊNCIAS

BETTI, M. Educação Física e Sociedade. São

Paulo: Movimento, 2015.
BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018.
COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
FONSECA, V. da. Psicomotricidade: perspectivas multidisciplinares. Porto Alegre: Artmed, 1995.
FREIRE, J. B. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1997.
GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
KISHIMOTO, T. M. (Org.). Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
NISTA-PICCOLO, V. L. (Org.). Brincadeiras e Jogos na Educação Infantil. Campinas: Papirus, 2005.